

AS NOVAS TECNOLOGIAS: realidade e desafios dos nativos, imigrantes e excluídos digitais no campus da UEPB em Guarabira

Lanás Aparecida Ribeiro Xavier¹

Suelene De Brito Luna²

Vanusa Valério dos Santos³

RESUMO

Vivemos rodeados por constantes mudanças no que diz respeito as novas tecnologias. Sendo assim, no âmbito educacional nos deparamos com os nativos e imigrantes digitais e seus diversos desafios, tanto para os docentes, quanto para os alunos, tendo em vista as novidades tecnológicas implantadas em nosso meio. Logo, a instituição escolar não pode ficar de fora. Diante dessa perspectiva a presente pesquisa objetivou analisar de que forma professores e alunos enfrentam os anseios de serem nativos e imigrantes digitais. Dessa forma, num primeiro momento será contextualizado o campo de pesquisa, assim como os sujeitos investigados. Já num segundo momentos iremos refletir sobre as perspectivas das novas tecnologias na educação, frente aos nativos e imigrantes digitais. Em seguida discutiremos sobre quem são esses nativos e imigrantes digitais. Dando continuidade, será analisado os dados coletados na pesquisa de campo. E enfim, as considerações finais que chegamos com a investigação. Como aporte teórico revisitaremos: Assmann (1998); Kenski (2007; 2013); Lèvy (2010; 2007; 1993); Takahashi (2000); Moran (2009; 2013; 2014; 2015; 2016); Moore e Kearsley (2010); Xavier (2011); Moita (2011); Palfrey e Gasser (2011); Formiga (2009); Belloni (2009); Maia e Mattar (2007); e Moraes (2010). A metodologia da pesquisa foi pautada numa abordagem qualitativa, tendo como modalidade, a pesquisa participante. Contudo, para a coleta de dados foi aplicado questionários aos professores e alunos da Universidade Estadual da Paraíba/Guarabira/PB, de modo a identificar em suas práticas pedagógicas de que forma enfrentam os anseios dos alunos nativos digitais, e como se percebem enquanto imigrantes digitais.

Palavras-chave: Nativos digitais. Imigrantes digitais. Docente. Tecnologia.

INTRODUÇÃO

A sociedade a qual estamos inseridos hoje, caracteriza-se como a sociedade da informação e comunicação, especialmente por fazer parte de um mundo digital onde a presença das tecnologias da informação e comunicação (TICs), se faz presente afluentemente, transformando e modificando o modo de viver das pessoas.

Com o surgimento e desenvolvimento das TICs pelo mundo, surgiu então um grupo de pessoas que vivem envoltos a todo esse contexto digital, e são chamados e classificados por Prenky (2001) de nativos digitais. De acordo com este autor, são sujeitos que nasceram e vem

¹ lanasvallentina@gmail.com

² suelene.brito.luna@gmail.com

³ vanusavaleriouepb@gmail.com

crescendo no meio dos avanços tecnológicos, conseqüentemente, mantém contato com elas desde cedo, os tornando habilidosos no manuseio das tecnologias. Por outro lado existem outros sujeitos nascidos antes dos anos 80, que só tiveram contato com as TICs depois da sua fase adulta, dificultando assim seu entendimento sobre elas, logo, não são tão habilidosos como os nativos digitais. Ressaltamos também que mesmo com essa evolução tecnológica ainda existem pessoas que apesar de nascerem rodeados pelas tecnologias, não tem contato nenhum com elas, esses são classificados e denominados de excluídos digitais.

Identificada esta sociedade que tende a ser tecnológica e imersa no contexto digital das TICs, que misturam-se as gerações: nativas, imigrantes e excluídos digitais, nos deparamos com uma instituição importante no meio social - a escola – que por sua vez vem enfrentando diversos desafios perante esses grupos de sujeitos (nativos, imigrantes e excluídos) nas suas demandas contemporâneas, precisando urgentemente compreender e se inserir nos avanços tecnológicos que as rodeiam. Um novo tempo, um novo espaço e outras maneiras de pensar e fazer educação são exigidos na sociedade da informação (LÉVY, 1999). Logo, como o professor (imigrante digital) pode fazer para ressignificar sua prática pedagógica a luz do interesse necessidades de aprendizagens do aluno (nativo digital)?

Para isso, a formação inicial e continuada do professor que contempla o uso das novas ferramentas tecnológicas em sala de aula pode facilitar a interação com o aluno nativo digital. Sem a mediação pedagógica do professor na utilização das novas ferramentas tecnológicas em sala de aula, a mesma deixará de ter utilidade na aprendizagem do aluno.

Assim nesta pesquisa, temos o objetivo de investigar como o professor (imigrante digital) pode ressignificar sua prática pedagógica, fazendo uso das novas ferramentas tecnológicas em sala de aula de forma que tanto o professor, quanto os alunos possam vivenciar aprendizagens no ciberespaço e se inserirem no universo da cibercultura.

Desta forma, justificamos a realização deste estudo porque diversos autores como Valente (2003); kenski (2007;2003); Mercado (2002) e Moran (2007), apontam a existência de um potencial enorme das TICs no processo de ensino- aprendizagem dos alunos, o que de maneira alguma pode ser ignorado por qualquer instituição educativa. Notamos que mesmo contendo alguns aparatos tecnológicos no CAMPUS III da UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA, esses meios não são utilizados pelos professores de maneira adequada, muitas vezes até pela falta de formação voltada para o uso dessas ferramentas em sala de aula. Assim, a motivação para a realização deste trabalho surgiu a partir das experiências e vivências as quais tivemos no componente curricular "Educação e Novas Tecnologias" do

curso de pedagogia da UEPB.

A motivação para a realização deste trabalho surgiu a partir dessas experiências e vivências. Para tanto, foram feitos estudo de caso, que por si só, caracteriza-se por ser um tipo de pesquisa que apresenta como objeto uma unidade que se possa analisar de forma mais aprofundada. Também foram aplicados questionários, levantamentos bibliográficos, onde foram feitos fichamentos e resumos de textos e livros, com o intuito de obter informações que agregassem dados acerca do tema investigado. Assim, nosso estudo de caso teve como lócus da investigação a Universidade Estadual da Paraíba - Campus III Guarabira -PB. E o universo investigado foi composto por uma amostra de alunos dos cursos das licenciaturas da universidade e um grupo de professores envolvendo efetivos e substitutos da mesma.

Para tanto, a pesquisa está dividida da seguinte forma, num primeiro momento faremos uma fundamentação teórica, trazendo as perspectivas das novas tecnologias na educação e conceituando quem são esses nativos, imigrantes e excluídos digitais; em um segundo momento trazemos a análise e discussão dos dados, pautando a metodologia de pesquisa utilizada, em seguida caracterizamos o campo investigado, traçamos o perfil dos sujeitos pesquisados e por fim fazemos uma discussão dos dados coletados junto aos professores.

Com a pesquisa finalizada, podemos constatar que ainda é nítida a limitação na formação dos professores, no que diz respeito ao uso das novas tecnologias em sala de aula. Constatamos que os mesmos preferem suas aulas arcaicas e com pouca ou quase nada de influência tecnológica, pois as julgam desnecessárias. Também vimos que mesmo com um público tão jovem na universidade, ainda temos uma grande demanda de imigrantes digitais em sala de aula e também temos os que ainda não saem distinguir em qual grupo está inserido.

1. PERSPECTIVAS DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Agrupar uniformemente educação e tecnologia para que professores possam atuar em um novo cenário, cheios de inovações e avanços tecnológicos e pelo outro lado os alunos venham aprender dentro deste contexto, é um dos desafios gerados nas últimas décadas. Estamos vivendo em uma sociedade de informação e comunicação, a nova mentalidade exigida para se fazer educação de qualidade na sociedade da informação exige mudanças na estrutura e no funcionamento das escolas (KENSKI, 2010).

Assim sendo, a educação escolar precisa se adequar a essa realidade social para qualificar seu processo de ensino-aprendizagem, formando cidadãos pensantes e críticos, possibilitando a ampliação de aprendizagem aos envolvidos – alunos e professores – tornando uma ação dinâmica e prazerosa na troca de informações.

Sendo assim para Kenski,

[...] é preciso, antes de tudo, que todos estejam conscientes e preparados para a definição de uma nova perspectiva filosófica, que contemplem numa visão inovadora de escola, aproveitando-se das amplas possibilidades comunicativas e informativas das novas tecnologias para a concretização de um ensino crítico e transformador de qualidade (KENSKI, 2010, p.125-126).

Válido ressaltar, que o docente precisa sempre ir em busca do novo para poder ressignificar seus conhecimentos, pois trabalhar com as novas tecnologias na sala de aula requer uma certa responsabilidade, e acolher esse alunado que muitas vezes parece estar distante da sala de aula, mesmo estando dentro dela. É nessa perspectiva que a inserção das tecnologias nas escolas precisam urgentemente de estruturas adequadas a elas, um ambiente facilitador de aprendizagem mediados por tecnologias, onde a interação entre professores e alunos vai ser primordial, gerando uma troca de saberes, pois o professor aprende ao ensinar e o ensino inexistente sem aprender e vice-versa (FREIRE, 1996).

Compreender as tecnologias nesta perspectiva é fazer uso dela não como acessório ou como um auxílio, mas também como objeto de conhecimento e uma ferramenta necessária ao trabalho pedagógico para facilitar, diversificar e melhorar o nível de aprendizagem, nisso o professor percebe que precisa ressignificar sua prática docente, mas como? Se por muitas vezes a própria instituição não lhe oferece suporte, muito menos lhe auxilia nessa mudança, sabe muito bem exigir qualidade de ensino do docente, mas condições propícias para que o mesmo a execute está muito longe de lhe fornecer. Hoje muitos educadores, perplexos diante das rápidas mudanças na sociedade, na tecnologia e na economia, perguntam-se sobre o futuro de sua profissão, alguns com medo de perdê-la sem saber o que devem fazer (Gadotti 2000).

Agora fica claro que como resultado deste ambiente onipresente e o grande volume de interação com a tecnologia, os alunos de hoje pensam e processam as informações bem diferentes das gerações anteriores. Estas diferenças vão mais longe e mais intensamente do que muitos educadores suspeitam ou percebem (PRENSKY, 2001, p.1).

É notório que o grande desafio dos dias atuais para os docentes assumirem uma nova atuação, mediada pela tecnologia reside no fato de lidarem com alunos, os quais já possuem

conhecimentos tecnologicamente avançados e fácil acesso ao gigantesco mundo de informações em diversos espaços virtuais, e outros que se encontram em plena exclusão tecnológica. Nossos alunos mudaram radicalmente. Os alunos de hoje não são os mesmos para os quais o nosso sistema educacional foi criado (PRENSKY, 2001).

Seguir e aproveitar o avanço e os conhecimentos de uns, garantindo ao mesmo tempo, o acesso de outros às novas tecnologias é tarefa difícil, porém não está somente na competência do professor, mas também nas mudanças em todo contexto escolar, que vão desde a compreensão da educação, de formação de professores, até a aceção de políticas públicas que possam garantir a democratização e assimilação destas ferramentas tecnológicas em uma perspectiva crítica.

É válido que as políticas públicas também se organizam para que a escola possa utilizar as novas tecnologias e assim apropriar-se das mesmas de maneira dinâmica, na perspectiva de mudança e de igualdade de oportunidade para todos.

1.1 NATIVOS DIGITAIS

Atualmente presencia-se grandes mudanças na sociedade subsequente aos grandes avanços tecnológicos, e isto vem de certa forma tomando grande parte do tempo das pessoas, que nem sempre usam dessas TICs para aprendizado, mas para entretenimento. Assim as tecnologias veem deixando sua marca de conectividade e acessibilidade na era digital. Essas novas tecnologias chegaram fazendo revolução nas formas de comunicação e amplas possibilidades no que diz respeito ao fácil e imediato acesso à conteúdos.

Essas mudanças começaram a surgir na década de 80, onde houve uma explosão dessas Tecnologias digitais, e nessa perspectiva surgem a partir de Prensky os termos Nativos digitais que segundo Palfrey e Gasser (2011) são aqueles nascidos após os anos de 1980, e que tem habilidades para usar as tecnologias digitais. Eles têm maior facilidade de se relacionarem com as pessoas através das novas mídias, por blogs, redes sociais, e nelas se surpreendem com as novas possibilidades que encontram no ciberespaço.

A nova geração de nativos digitais possui de fato uma identidade virtual, pois passam a maior parte de seu tempo conectados. Desse modo, muitos nativos digitais não distinguem o online do off-line, e diante dessa realidade virtual aparecem os problemas, em especial, com pais e professores no que diz respeito a segurança e privacidade dos nativos no ciberespaço, que segundo Lévy (2010) seria caracterizado como um espaço de comunicação aberto.

Aprender é muito diferente para os jovens de hoje do que era 30 anos atrás. A *internet* está mudando a maneira com que as crianças coletam e processam informações em todos os aspectos de suas vidas. Para os Nativos Digitais, ‘pesquisa’, muito provavelmente, significa uma busca no *Google* mais do que uma ida até uma biblioteca [...] (PALFREY; GASSER, 2011, p. 269).

Essas mudanças decorrentes do avanço tecnológico, alteraram definitivamente, os rumos da comunicação, desse modo também da educação. Portanto, a escola como o professor, dentro do modelo tradicionalista, já não conseguem mais prender a atenção desse novo alunado. Assim, evidencia-se a urgência de uma transformação pedagógica e, principalmente, curricular, uma vez que a Educação assume um novo papel de usuários das novas TIC para acolher esse novo tipo de aluno: nativo digital.

O cérebro dos nativos se desenvolveu de forma diferente em relação às gerações pré-internet. Eles gostam de jogos, estão acostumados a absorver (e descartar) grande quantidade de informações, a fazer atividades em paralelo, precisam de motivação e recompensas frequentes, gostam de trabalhar em rede e de forma não linear (TORI, 2010 p. 218).

Por conseguinte, trabalhar com nativos digitais, de modo a apreender sua atenção na construção do conhecimento de maneira significativa, em meio a tantas inovações de informações que a era digital proporciona, é um desafio para o professor que não domina essas tecnologias.

[...] mais importante que a escola deve fazer não é usar mais tecnologia no currículo, mas usá-la de modo mais eficiente. Devemos experimentar formas em que a tecnologia deva ser parte do currículo do dia a dia na escola – mas apenas onde ela cabe. A tecnologia só deve ser aplicada em apoio a nossa pedagogia, não por si só. [...]. (PALFREY; GASSER, 2011, p. 276).

Adaptar-se às novas e complexas demandas educacionais originárias das novas tecnologias, exige do professor inovação, criatividade e mudança no sentido de incorporar esses novos paradigmas ao seu processo de formação continuada, porque diante dessa era digital é impossível não se deparar com a problemática de interação com as pessoas

1.2 IMIGRANTES DIGITAIS

Outrora, por volta de 1985, contávamos apenas com poucos livros didáticos, quadro negro, giz, a prova quando não escrita era feita através de um mimeógrafo, e a presença da famosa voz do professor era sempre constante, sem falar nos celulares que eram raros. Hoje tudo mudou, temos então o pincel ou marcador de quadro branco que substituiu o giz, acesso fácil a internet, as aulas passaram a ter auxílios de várias tecnologias tais como: TV, Som, projetores, computadores, celulares entre outras coisas.

Desta forma as pessoas que tiveram contato com as novas tecnologias na sua fase adulta ou que ainda estão se adaptando a elas, são chamados de imigrantes digitais.

É importante fazer esta distinção: como os Imigrantes Digitais aprendem – como todo imigrante, alguns mais do que os outros – a adaptar-se ao ambiente, eles sempre mantêm, em certo grau, seu “sotaque”, que é, seu pé no passado. O “sotaque do imigrante digital” pode ser percebido de diversos modos, como o acesso à internet para a obtenção de informações, ou a leitura de um manual para um programa ao invés de assumir que o programa nos ensinará como utilizá-lo (PRENSKY, 2001, p.2).

E comparado aos nativos digitais, existe muita distinção entre eles, enquanto um ao mesmo tempo que escuta músicas com fone de ouvido consegue estudar e aprender alguns conteúdos de seu interesse, para o outro isso seria impossível.

Os Imigrantes Digitais não acreditam que os seus alunos podem aprender com êxito enquanto assistem à TV ou escutam música, porque eles (os Imigrantes) não podem. É claro que não – eles não praticaram esta habilidade constantemente nos últimos anos. Os Imigrantes Digitais acham que a aprendizagem não pode (ou não deveria) ser divertida (PRENSKY, 2001, p.2).

É válido salientar que para o imigrante digital como professor, que estejam realmente dispostos a ensinar a uma geração dotada de conhecimentos tecnológicos, que tem fácil acesso a um universo de informações rápidas e precisas, faz necessário uma mudança de comportamento e do seu modo de pensar. Prensky (2010) ressalta que se os imigrantes digitais (pais e professores) estiverem realmente dispostos a ensinar aos nativos digitais, seja de forma conteudística ou de vivência, é necessário que ocorra uma mudança comportamental e de aprendizado, no cotidiano dos jovens. Pois, alguns docentes considerados imigrantes digitais pensam que os discentes de hoje aprendem como eles aprenderam no seu passado e isso não acontece de forma alguma.

Boa parte dos professores, atualmente afirma que os jovens de hoje em sua maioria, são indisciplinados, apáticos, desinteressados pelos conteúdos escolares. E por outro lado veem esses mesmos jovens com queixas das aulas que não tem graça, muito menos, qualidade de prática pedagógica; professores, em sua maioria, despreparados. Tal situação é frequentemente vivenciada no contexto escolar entre os sujeitos envolvidos.

Outrossim, para que ocorra um avanço nesse sentido a escola precisa urgentemente de preparo e modificações, adaptando-se assim a essa nova realidade. E, portanto, os imigrantes digitais que nessa categoria são os professores, precisam estar imersos ao mundo tecnológico,

tento assim um certo conhecimento para atuar com variadas tecnologias, intermediando dessa forma informações e saberes em nível atual e satisfatório para os nativos digitais.

1.3 EXCLUÍDOS DIGITAIS

Com a acelerada mudança causada pelas tecnologias da informação e comunicação, as TICs em vários países do mundo passam a traçar e estruturar normas para amenizar as desigualdades que essas ferramentas podem causar no meio social. Com a expansão da mesma e seu uso constante, nota-se uma necessidade, além de elaboração de políticas públicas que possam prevenir e pensar o uso da rede de forma a não estimular a exclusão digital. Mas apesar desse mundo digital estar em total ascendência, notamos a presença de pessoas eliminadas desse emergente avanço das TICs. Desta forma Pierre Lévy (1999) afirma que a questão da exclusão digital é evidente e crucial. Por mais que o acesso a Internet esteja em crescente desenvolvimento percebe-se que,

Grande maioria dos jovens nascidos no mundo de hoje não está crescendo como Nativos Digitais. Há um grande abismo de participação entre aqueles que são Nativos Digitais e aqueles que têm a mesma idade, mas que não estão aprendendo nem vivendo da mesma maneira. Há bilhões de pessoas no mundo para as quais os problemas que os Nativos Digitais estão enfrentando são meras abstrações (PALFREY; GASSER, 2011, p. 90).

Entende-se que essa exclusão digital seria a condição de estar abaixo do acesso ao universo cibernético, já que com o surgimento das novas TICs configurou-se uma nova fronteira para a inserção do indivíduo na vida social. O acesso a informações, utilização de serviços públicos, produção e difusão do conhecimento através da Internet passou a ser uma característica da contemporaneidade. É como se todos pudessem ter acesso ao uso das tecnologias.

Desta maneira aquele indivíduo que não tenha acesso a esse universo é de fato um sujeito excluído. E nesse cenário, surge uma nova dimensão que seria a questão da exclusão social: que seria essa incapacidade de participar de alguma forma da sociedade da informação, onde se faz necessário não só ter acesso às novas tecnologias, como também desenvolver habilidades necessárias para usá-las de forma efetiva, pois para ser um excluído não basta não ter o acesso as tecnologias, mas não saber manuseá-las também faz do sujeito um excluído.

A problemática da exclusão digital é de fato um desafio. Desigualdades sociais entre pobres e ricos adentram a fundo na era digital e infelizmente tendem a se expandir com a

mesma aceleração das novas tecnologias. A realidade da vida desigual, organizada por um sistema econômico falho que produz desigualdades em escala assustadoras, também se reproduz no mundo virtual, pois o primeiro acesso é físico, porquanto é necessário ter algum tipo de “máquina” para viajar no ciberespaço.

2. METODOLOGIA

A pesquisa é a busca de uma informação da qual não se tem muito conhecimento ou cujo conhecimento é limitado gerando assim dúvidas. Desta forma, a presente investigação foi realizada na UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA/CAMPUS III/GUARABIRA/PB, tendo a participação exclusiva dos discentes de todas as licenciaturas ofertadas nesta Instituição, e também os docentes das mesmas. Foram feitos estudos de campo e também aplicamos questionários, com o intuito de obter informações que pudessem ajudar na investigação.

Sendo assim, a pesquisa é o meio utilizado para se obter uma determinada informação, seja esta vinda do interesse de um indivíduo como pessoa ou de um grupo ou comunidade específica. O método científico é fundamental para validar as análises e seus resultados a serem aceitos. Desta forma, para ser científica, requer um procedimento formal, realizado de “[...] modo sistematizado, utilizando para isto método próprio e técnicas específicas” (RUDIO, 1980, p.9).

Como parte fundamental da pesquisa, a metodologia visa responder ao problema formulado e atingir os objetivos do estudo de forma eficaz. Sendo assim existem distintos tipos de pesquisas que basicamente são classificadas por seu método de abordagem, a modalidade de pesquisa e seu objetivo. Após análise da problemática em questão foi definido a realização de uma investigação que teve como método de abordagem a pesquisa qualitativa, que segundo Fachin (2006) se caracteriza pela qualificação dos dados coletados, durante a análise do problema. É exploratória, portanto não tem o intuito de obter números como resultados, no mais permite uma maior familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado, assim buscando respostas para as hipóteses levantadas.

Desta forma, a pesquisa exploratória costuma envolver levantamento bibliográfico, que é desenvolvido com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, das as obras escritas, bem como de matéria constituída por dados primários ou secundários que possam ser utilizados pelo pesquisador ou simplesmente pelo leitor. Para Lakatos e Marconi (2001, p. 183), a pesquisa bibliográfica,

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema estudado, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, materiais cartográficos, etc. [...] e sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...].

Em suma, todo e qualquer trabalho científico deve ter o apoio e o embasamento na pesquisa bibliográfica, para que não se desperdice tempo com um problema que já foi solucionado e possa chegar a conclusões inovadoras.

Para tanto foram feitas pesquisas relacionadas ao tema, com intuito de verificar as hipóteses do trabalho, embasadas nos autores: Assmann (1998); Kenski (2007; 2013); Lèvy (2010; 2007; 1993); Takahashi (2000); Moran (2009; 2013; 2014; 2015; 2016); Moore e Kearsley (2010); Xavier (2011); Moita (2011); Formiga (2009); Maia e Mattar (2007); e Moraes (2010). Em seguida discorreremos sobre quem são esses nativos e imigrantes digitais por Palfrey e Gasser (2011).

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO INVESTIGADO: UEPB/CAMPUS III/GUARABIRA

O local que compôs o nosso universo de pesquisa foi o Centro de Humanidades (CH) o qual foi agrupado à Universidade Estadual da Paraíba em novembro de 1987. Mas apenas a partir do ano de 1983 que as atividades da instituição passaram a funcionar onde se localiza a atual sede do campus, no bairro Areia Branca na cidade de Guarabira no agreste Paraibano. Nesse mesmo ano, foi então, autorizado, o funcionamento das licenciaturas em: Geografia, História e Letras.

Presentemente, o campus apresenta uma estrutura física composta por mais de 70 ambientes distribuídos em dois prédios, laboratório de informática com 16 computadores disponíveis, cada um com um monitor, teclado e mouse, o sistema operacional instalado neles é o Linux e todos tem acesso a internet banda larga. O campus também possui rede Wifi aberta e gratuita em todo o Campus, o Centro de Humanidades (CH) Osmar de Aquino, visa zelar o compromisso de alavancar e promover o desenvolvimento sociocultural da região. O CH investe em tecnologia e procura dinamizar os setores de pesquisa. Com a iniciativa do excelente corpo docente que dispõe, o centro investe em projetos de pesquisa e extensão em nível de graduação, com atividades desenvolvidas pelas cinco departamentos: História, Geografia, Letras (Língua e Literatura Portuguesa e Inglesa), Educação (Pedagogia) e Ciências Jurídicas (Direito).

A Universidade Estadual da Paraíba/Campus III/ Guarabira, possui mais de 2.100

alunos matriculados (dois mil e cem) alunos matriculados, divididos entre os cursos de licenciaturas e bacharelado. Em média esses alunos são de situação socioeconômica desfavorecida. E quanto ao corpo docente, contamos com mais de 136 (cento e trinta e seis) professores sendo compostos em efetivos e substitutos, estes professores contam com aparatos a sua disposição como vários recursos didáticos e tecnológicos para utilizar nas aulas, tais como: data show, impressora, copiadora, televisão e data show, além dos laboratórios de informática estarem equipados com computadores e internet.

2.2 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS COM OS EDUCANDOS DO CAMPUS

2.2.1 QUEM SÃO ESSES SUJEITOS INVESTIGADOS: NATIVOS, IMIGRANTES E EXCLUÍDOS DIGITAIS

Para identificarmos os nativos, imigrantes e excluídos digitais presentes no Centro de Humanidades Osmar de Aquino, aplicamos um questionário aos alunos das licenciaturas em História, Letras, Pedagogia e Geografia, totalizando 40 alunos. A partir deste instrumento apresentamos no decorrer desta pesquisa levantamentos com relação ao perfil desses alunos, tentando assim identificar se os mesmos demonstram ser um nativo, imigrante ou excluído digital.

A faixa etária dos pesquisados variou de 17 a 45 anos, portanto percebemos que temos alunos que cresceram em uma época em que as tecnologias digitais estiveram ao seu redor e foram aos poucos inseridas nas esferas sociais, e também temos aqueles que não cresceram com as novas tecnologias, mas estão a mercê delas atualmente. Porém este critério o qual é apresentado por Prensky (2001) não pode ser utilizado para definir se o grupo analisado eram nativos digitais, visto que os excluídos também nasceram após os anos 80 e apesar disso não tem acesso às tecnologias digitais.

Um indivíduo que não tem acesso a esse universo é de fato um sujeito excluído, sendo assim, neste cenário, surge uma nova dimensão de exclusão social que seria a questão da incapacidade de participar da sociedade da informação, onde é necessário não só ter acesso às novas tecnologias, como desenvolver habilidades necessárias para usá-las de forma efetiva (RIBEIRO; MERLI; SILVA, 2012).

Quando falamos nesses excluídos digitais, não podemos citar apenas que este não tem acesso as tecnologias digitais. Contudo, devemos levar em consideração aqueles que tem acesso, porém não sabem manuseá-las, isto de certa forma os tornam excluídos digitais como citamos anteriormente.

Desta forma determinadas perguntas do questionário foram necessárias para que pudéssemos identificar se os nativos, imigrantes e excluídos digitais possuíam computador, *tablet*, *notebook* ou *smartphone*, se tinham acesso a Internet, qual a frequência de acesso e os principais motivos pelos quais eles acessavam o ciberespaço. A avaliação dos questionários nos permitiu verificar em qual perfil se enquadravam cada um destes alunos.

Em análise ao instrumento de pesquisa, foi possível perceber que embora nós possamos notar claramente a existência de excluídos, os alunos os quais responderam aos questionamentos dizem se enquadrarem em imigrantes ou nativos digitais.

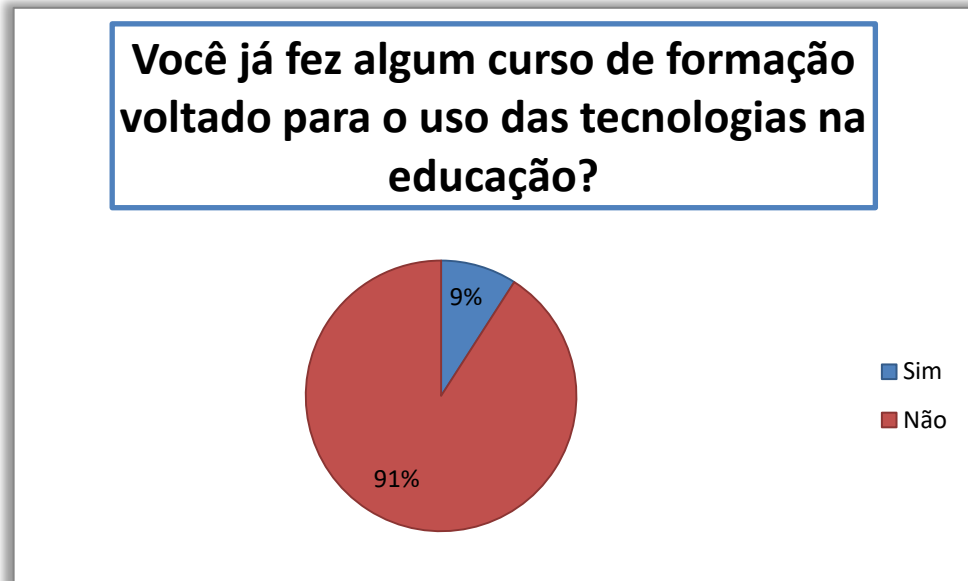
2.2.2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS COLETADOS JUNTO AOS DOCENTES

Após dias de pesquisas, questionamentos e entrevista junto aos docentes da Universidade Estadual Da Paraíba – Campus III/Guarabira-PB, e podemos distinguir o processo de formação dos professores e também traçar o perfil dos mesmos. De fato pode-se perceber a limitada informação de cada um dos indivíduos com relação às novas tecnologias, e como usá-las de maneira construtiva no processo de ensino aprendizagem dos seus educandos.

Vale-se dizer que para a maior parte dos professores os aparatos tecnológicos não são grande peso na educação do alunado e que a aprendizagem não depende da tecnologia, mas do real interesse do aluno em aprender. No entanto, estamos totalmente cercados de tecnologias ao nosso redor, então se o docente não se preocupa em tornar suas aulas mais atrativas, o mesmo acaba tornando-se um profissional meramente arcaico.

Para nossa maior surpresa, deparamo-nos até com professores que se quer sabiam o significado de nativos ou imigrantes digitais, também foram encontrados aqueles que o máximo de tecnologia que utilizam é mandar e-mails ou preparar slides extensos e cansativos que pouco tem de atrativo ou construtivo.

Também pôde-se perceber que 91% (noventa e um por cento) dos professores investigados não passaram por nenhum curso de formação voltado para o uso das novas tecnologias em sala de aula. O gráfico abaixo mostrará isso.



No gráfico acima fica nítido a falta de formação dos professores, no que diz respeito ao uso das ferramentas tecnológicas na educação. Compreende-se que os professores de fato ainda não entenderam que as tecnologias podem ser usadas de forma positiva para aprendizagem e conhecimento dos educandos e para o próprio conhecimento.

É totalmente perceptível que a sociedade atual tende a estar cada dia mais inserida no contexto das novas tecnologias, e que envolve uma geração nativa e outra imigrante, assim como também os excluídos digitais. Nesse sentido, o mais preocupante é que as escolas e as universidades enfrentando novos desafios diante desses sujeitos e demandas contemporâneas. E essa escola ainda não enxergou, de fato, que precisa urgentemente estar inserida no contexto da cibercultura, para poder atingir a demanda de aprendizagens, utilizando as tecnologias digitais que se tem ao dispor.

A UEPB, não tem grandes aparatos tecnológicos, porém constatamos que esse pouco, muitas das vezes está sendo utilizado de forma inadequada, percebemos a subutilização destes aparatos digitais, e que muitas das vezes estão sucateados e utilizados para fins que não são educativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os nativos, imigrantes e excluídos digitais estão por aí, em toda parte, e não é diferente nas instituições de ensino, inclusive nas universidades. E os nativos estão crescendo cada vez

mais utilizando as tecnologias digitais com maior propriedade do que a geração de imigrantes digitais, que nasceu em outro contexto de desenvolvimento tecnológico. E mesmo que hajam os excluídos digitais, o que ainda é muito presente entre nós, a emergência que se faz presente em nosso cotidiano das novas tecnologias e a acessibilidade à mesma tornará possível a inclusão destes no contexto da cibercultura. É fato que vivemos em um momento transitório e também inovador. E dos maiores desafios para nós educadores é fazer com que os alunos utilizem as tecnologias em prol da aprendizagem deles.

Sendo assim esta pesquisa objetivou investigar de que forma professores e alunos enfrentam os anseios de serem nativos e imigrantes digitais. E foi percebido com o estudo aqui finalizado que a parceria entre professores e seus alunos, ocorre de maneira ainda tímida, fato observado devido às limitações que os mesmos apresentam no uso dos recursos tecnológicos no contexto educacional, tanto entraves de natureza de manuseio técnico, quanto de condições de acesso.

Logo, podemos constatar a existência dos professores nativos digitais, e aos imigrantes cabe se dispor a aprender a lidar com as novas tecnologias, para que possam somar parcerias no processo de ensino e aprendizagens com seus alunos. Mesmo que não possuam tanta desenvoltura como os nativos, e muitas vezes sejam até surpreendidos pelo saber dos nativos digitais relacionados aos aparatos tecnológicos não devem hesitar em deixar de aprender.

Às instituições de ensino resta a integração das novas tecnologias. Suscitar condições que beneficiem a inclusão digital para os excluídos digitais e oferecer um novo currículo que seja voltado para o novo público de alunos da Era Digital. É certo que ter acesso as novas tecnologias não significa apenas oferecer os recursos, pois utilizá-los não garante a aprendizagem. Todo processo dependerá dos professores e da formação dos mesmos para isso, não só da tecnologia. São docentes que dão os fins e também significados para os meios de aprendizagem sejam quais for. E dessa forma nos resta criar condições para desenvolver competências para o uso de ferramentas digitais, com visão crítica e contextualizada.

A instituição pesquisada nos revelou a necessidade de atualização urgente no que diz respeito a inserção das tecnologias no processo de ensino aprendizagem dos alunos, embora a UPB/Campus III/Guarabira-PB tenha laboratório de informática e internet banda larga livre em todo ambiente. Mesmo esse aparato de recurso tecnológico não sendo suficiente para a demanda disponível. Outra situação apresentada foram as limitações encontradas nos docentes, no que dizia respeito a propriedade de conhecimento na área pesquisada. A justificativa provável é a ausência de formação continuada para lidar com as novas tecnologias em sala de aula.

Observou-se nesta pesquisa que não existem apenas os nativos, imigrantes e os excluídos digitais. Existem sujeitos que estão deixando de ser excluídos, mas que não têm as habilidades dos nativos digitais. Portanto, devem ser estudados e compreendidos. Afinal, não é só o fato de não ter acesso a tecnologia que faz um indivíduo ser excluído digital, mas o fato dele não saber manusear as novas tecnologias mesmo tendo acesso a elas, também o faz um excluído digital

Constatou-se também a importância de a instituição de ensino estar inserida na ciberespaço (LÉVY, 1999), ou seja, disponibilizar recursos digitais e Internet para que professores e alunos aprendam também utilizando as novas tecnologias, o que também vai favorecer a inclusão digital dos excluídos e facilitar o aprendizado dos imigrantes digitais. Ainda falta muito para que professores utilizem as tecnologias digitais com fluência no cotidiano da sala de aula, e também que os alunos percebam que ter acesso as redes, não é só usá-las para fins de entretenimento, mas que as mesmas podem ajudar na sua formação.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. **A metamorfose do aprender na sociedade da informação**, *Revista Ciência da Informação* – IBICT, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000.

FORMIGA, Marcos. **A terminologia da EAD**. In: LITTO, Frederic M.; FORMIGA, Marcos (Org.). Educação a distância: o estado da arte. 2. ed. São Paulo: Pearson Education, 2009. p. 39-46.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação**. São Paulo. 2000.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

_____. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus. 2010.

_____. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. **As Tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática**. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

_____. **O que é o virtual?**. São Paulo: Editora 34, 1996.

MAIA, C.; MATTAR, João. **ABC da EaD: a educação a distância hoje**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MORAN, José M.; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 12. ed. Campinas: Papirus, 2006

MORAN, José M. **A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2014.

_____. **Educação Humanista Inovadora**. Disponível em: <<http://www2.eca.usp.br/moran/>>. Acesso em: 01 set. 2017.

_____. **A educação a distância e os modelos educacionais na formação dos professores**. In: BONIN, Iara et al. Trajetórias e processos de ensinar e aprender: políticas e tecnologias. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. C

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância: uma visão integrada**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro ; PEQUENO, R. ; CARVALHO, Ana Beatriz G. . **Tecnologias Digitais na Educação**. Campina Grande: eduepb, 2011.

PALFREY, J. GASSER, U. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Editora Artmed, 2011.

PRENSKY, M. **Nativos digitais, imigrantes digitais**. Trad. Roberta de Moraes Jesus de Souza. Califórnia: NBC University Press, 2001.

_____. **"Não me atrapalhe, mãe - estou aprendendo!"**: Como os videogames estão preparando nossos filhos para o sucesso no século XXI - e como você pode ajudar!. São Paulo - SP: Editora Phorte, 2010. 320 p.

_____. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais. 2001**. Disponível em: <http://www.colegiongeracao.com.br/novageracao/2_intencoes/nativos.pdf> acesso: 26 de Out de 2017.

TAKAHASHI, T. (org.). **Livro verde da Sociedade da Informação no Brasil**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2000.

XAVIER, Antonio Carlos. **Letramento digital: impactos das tecnologias na aprendizagem da Geração Y**. Recife, Editora da UFPE, 2011.